

De *Fragmentos Completos* a *Avenida Paulista*: dois tempos de uma epopeia paulistana¹

From *Fragmentos Completos* to *Avenida Paulista*: two times of a São Paulo-born epic

Guilherme Caldas dos Santos²

Universidade Estadual do Paraná

Marilda Lopes Pinheiro Queluz³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná



10.11606/2316-9877.2023.v11.e210859

Resumo

Parte de uma pesquisa mais abrangente sobre *Fragmentos Completos*, uma extensa história em quadrinhos sobre a Avenida Paulista produzida por Luiz Gê, e pela equipe por ele coordenada, por ocasião do centenário desse logradouro da cidade de São Paulo, em 1991. Tem como objetivo abordar as duas diferentes instâncias em que história em quadrinhos foi publicada, bem como contextualizar o veículo em que foi originalmente publicada, a *Revista Goodyear*. Busca compreender como essa história em quadrinhos resultou dos meios tecnológicos das épocas em que foi criada e relançada, os ajustes de discurso e outras diferenças relevantes entre dois momentos de uma obra que foi o ponto culminante nos esforços do autor em construir para a cidade de São Paulo uma imagem de depositária de um ideal de brasilidade urbana e moderna.

Palavras-chave: Luiz Gê. Tecnologia e cultura. História em quadrinhos. Avenida Paulista.

¹ Artigo relacionado à pesquisa de mestrado de Guilherme Caldas dos Santos sobre Luiz Gê, realizada no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR).

² Graduado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Pesquisador no grupo de Gravura Contemporânea (Gracon) da Unespar. e-mail: guilherme@candyland.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2815-8591>.

³ Graduada em História e em Artes pela Universidade Federal do Paraná (UFPr). Mestre em História Social pela UFPR. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). e-mail: pqueluz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1281-2260>.

Abstract

It is part of a more comprehensive research on *Fragments Completos*, an extensive graphic novel about Avenida Paulista produced by Luiz Gê, and the team he coordinated, on its centenary, in 1991. Its purpose is to approach the two different instances in which the graphic novel was published as well as to contextualize the press medium in which it was originally published, *Revista Goodyear*. It intends to understand how this graphic novel resulted from the technological means of the times in which it was created and reissued, the discursive adjustments and other relevant differences between two moments of a work that was the pinnacle of the author's efforts to build an image of a depositary of an ideal of urban and modern brazilianess for the city of São Paulo.

Keywords: Luiz Gê. Technology and culture. Comics. Avenida Paulista.

Introdução: *Fragments Completos*

Este artigo é parte de uma investigação mais ampla, inicialmente pensada como uma pesquisa sobre a *graphic novel* produzida por Luiz Gê por ocasião do centenário da *Avenida Paulista*, em 1991, e acabou se tornando um levantamento da obra do artista ao longo de um período de quinze anos, em que ele procurou formular visualmente um discurso da cidade de São Paulo como representante do Brasil e de uma ideia de brasilidade urbana e moderna. Nesse sentido, *Fragments Completos* foi o arremate de um processo em que o autor buscou desenvolver uma narrativa de paulistanidade (CERRI, 1996). Procuramos focar as duas publicações da *graphic novel*, primeiro sob seu título original e, depois, assumindo seu nome oficioso pelo qual sempre foi chamada: *Avenida Paulista*. O objetivo é tratar das diferenças entre suas duas versões, publicadas em 1991 e 2012, pensando o contexto e as implicações tecnológicas dos dois momentos. Para tal, este artigo divide-se em tópicos relativos a cada uma das edições de *Avenida Paulista*, mas, também, em um tópico relativo ao veículo de imprensa em que foi originalmente publicado, a *Revista Goodyear*, parte de um segmento de excelência na imprensa brasileira.

Situada ao final de uma produção que começa em *Meneghetti* e se estende, grosso modo, até *Errare marcianum est* (SANTOS, 2017), *Fragments* teve, também, algumas peculiaridades importantes. Ao contrário da quase totalidade da obra pregressa de Luiz Gê em quadrinhos (SANTOS, 2017), ela foi impressa em um papel encorpado, de alta qualidade, em cores, integrando uma

revista produzida por uma multinacional, de circulação dirigida, admirada por profissionais de imprensa e comunicação, ao mesmo tempo em que era quase desconhecida do público em geral.

O enredo começa antes da inauguração da avenida, quando um tropeiro anônimo acampa no então Caminho da Real Grandeza, situado no Alto do Caaguaçu. Sonha com um desfiladeiro surgido de repente, onde encontra a figura de uma figura de apoio feminina, com função de coluna, conhecida como cariátide (OLIVEIRA, 2011), diante da qual ele quase faz um sinal da cruz, pensando tratar-se de uma imagem santa. Vivendo no século XIX, o tropeiro não compreende totalmente aquela imagem, mas sabe que se trata, de alguma forma, do futuro (figura 1).

Figura 1 — No sonho do tropeiro, uma visão do futuro.



Fonte: Gê, 1991, p. 37. Acervo dos autores.

A história em quadrinhos traz, em seguida, a narrativa do planejamento, construção e inauguração da Avenida, conduzidos por Joaquim Eugênio de Lima (1845-1902), engenheiro agrônomo, atuante também na imprensa e no ramo imobiliário, e pelo agrimensor Tarquínio Tarant. Com eles, revive-se a cena da sua inauguração, em consonância com a que aparece no registro de Jules Martin

(Figura 2). O leitor, então, acompanha a chegada dos seus primeiros ocupantes, muitos deles estrangeiros, em uma viagem alegórica a bordo de um tapete voador. Esta viagem, que mostra a diversidade de etnias presentes na Avenida – e na cidade – conduz o leitor a diversos momentos dos seus primórdios, passando por um curso carnavalesco e por soldados em marcha em frente ao Trianon, em uma alusão às diversas revoluções pelas quais passou a cidade na primeira metade do século XX, como a Revolução Paulista de 1924, a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 (Figura 3).

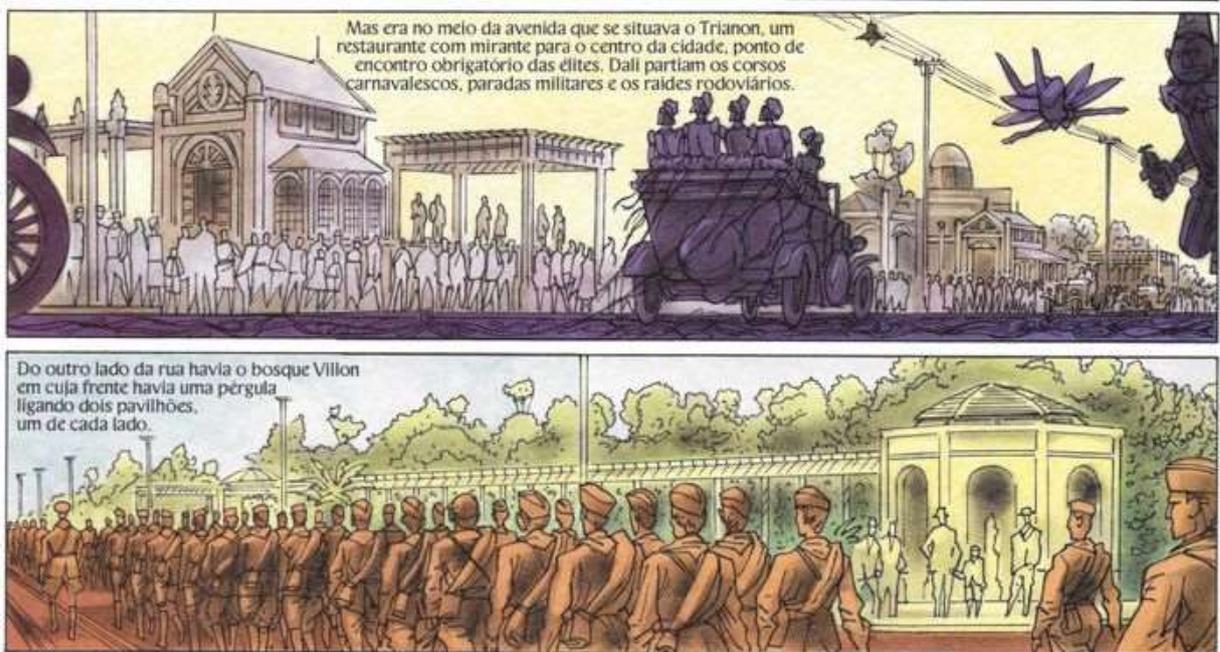
Figura 2 — Inauguração da *Avenida Paulista*, segundo o registro de Jules Martin.



Fonte: Lucchese, 2009. Disponível em:

<https://theurbanearth.wordpress.com/2009/01/24/parabens-sao-paulo-455-anos/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Figura 3 — O Parque do Trianon como cenário de um curso carnavalesco e da passagem de tropas.



Fonte: Gê, 1991, p. 48. Acervo dos autores.

Trata-se de um sonho de Francisco Matarazzo Jr., herdeiro de Francisco Matarazzo, imigrante italiano e um importante industrial da primeira metade do século XX no Brasil – como tal, era referido pelo título de "conde" (TOLEDO, 1987) -, que, ao acordar desses devaneios, vê que a Avenida continua, aparentemente, como ele sempre a conhecera. Logo, o leitor percebe que se trata de uma aparência fugaz, já prenunciada pela quantidade de automóveis. A via transforma-se diante do olhar do jovem, tendo sua largura drasticamente aumentada, em uma intervenção urbanística que decretou o fim dos jardins das casas e, também, das árvores, plantadas na calçada em sua inauguração.

Sabemos que Francisco Jr. ainda sonha quando este é, novamente, assaltado por gigantes que, desta vez, simbolizam a segunda onda de verticalização da Avenida (OLIVEIRA, 1998), iniciada em finais da década de 1950. Transportado de sua mansão recém-dinamitada, Francisco Jr. acorda na sala de um apartamento, de um dos novos prédios residenciais da Paulista, a tempo de passar instruções para o seu continuador à frente das Indústrias Matarazzo, prestes a protagonizar, em uma reunião com altos executivos, a próxima etapa da história da Avenida, de São Paulo e do Brasil. A partir da cena da reunião, a história em quadrinhos traz o episódio do incêndio do edifício Grande Avenida, ocorrido em 14 de fevereiro de 1981 (FOLHA DE S. PAULO,

1981) que se funde a uma alegoria da destruição da indústria nacional, desencadeada pelo acirramento do ciclo neoliberal brasileiro a partir de 1990. Na alegoria, os executivos saem carbonizados da reunião e somos conduzidos a um final duplo da história em quadrinhos.

No primeiro, o leitor é apresentado a um futuro em que o tecnicismo se funde a um linguajar e a procedimentos militarizados, uma alegoria do ambiente e das práticas cruentas de uma economia predominantemente financeira e especulativa (figura 4).

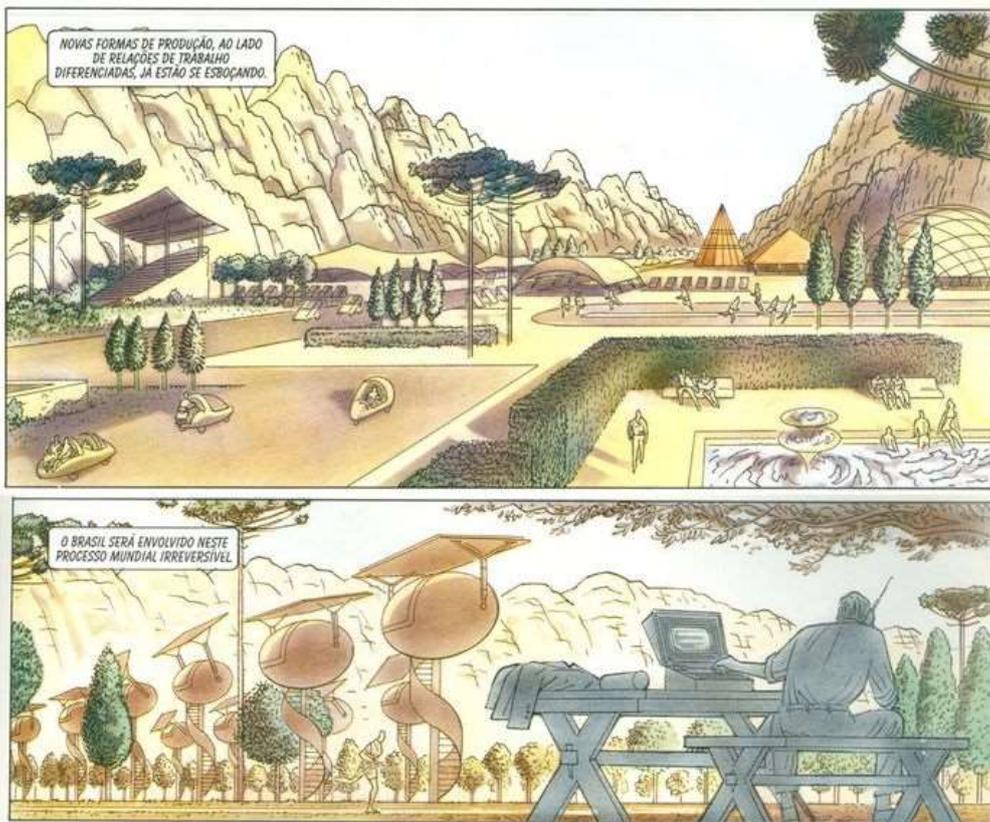
Figura 4 — Distopia: uma tecnologia militarizada como pano de fundo do aprofundamento do capitalismo neoliberal.



Fonte: Gê, 1991, p. 80. Acervo dos autores.

A seguir, vem uma utopia, que se inicia na fusão das diversas temporalidades da Avenida, em que construções do começo da avenida emergem das paredes envidraçadas das sedes das grandes corporações. É um futuro em que passado e presente projetam expectativas baseadas na adoção de tecnologias e formas de produção que eram – e, dependendo do caso, ainda são – pouco mais que promessas (figura 5).

Figura 5 — Utopia: tecnologia como promessa de um futuro de plenitude e fruição.



Fonte: Gê, 1991, p. 96-97.

1 - A Revista Goodyear entre 1985 e 1992

Embora tivesse origens antigas, a *Revista Goodyear* do início dos anos 1990 resultara de uma reformulação feita poucos anos antes. Ricardo Kotscho (1990) relata, nas páginas da própria revista, como ocorreu o processo. O início se dá através da figura da jornalista Célia Cambraia, que entrara na empresa como secretária na Divisão de Finanças do Escritório de Vendas da filial de São Paulo e, em meados dos anos 1970, era correspondente do *Clã*, seu jornal interno. A opinião de Célia a respeito das publicações a cargo do Departamento de Relações Públicas coincidia com as do gerente do setor, Cyril Walter, que assumira o cargo em 1981: a de que eram “produzidas de forma meio amadora, de acordo com os gostos e interesses dos seus eventuais colaboradores-funcionários” (KOTSCHO, 1990, p. 62). Sem ter exatamente um projeto, Célia começou a procurar os meios de produzir uma publicação que fosse algo mais que apenas uma maneira de “vender pneus” (BLOG REVISTA GOODYEAR, 2012).

Sua abordagem foi precedida por alguns projetos de comunicação corporativa, tais como as diversas publicações patrocinadas pela Esso, mas, principalmente, por publicações como a revista *Notícias Pirelli*. Iniciada em 1956, a *Pirelli* é descrita por Paulo Nassar (2009, p. 134) como “marco de publicação jornalística influenciada pelo movimento de relações humanas no ambiente industrial brasileiro”. Estas publicações refletiam uma necessidade empresarial de se adequar à “emergência de um trabalhador voltado para a produção de valor, no ambiente do conhecimento, da democracia e de tecnologia de informação acessível, massificada e colaborativa” (NASSAR, 2009, p. 138; CASTRO, 2009) em que a comunicação empresarial precisava ser mais que uma “ferramenta das ideologias administrativas” (NASSAR, 2009, p. 138). A *Revista Goodyear* foi, portanto, pensada como um veículo de excelência, como uma maneira promover “a imagem institucional da Goodyear” (BLOG REVISTA GOODYEAR, 2012). Sob esse aspecto, a revista se inseria num segmento de veículos vinculados a marcas comerciais preexistentes, tal como ocorria com a revista *Diners* ou a *Pirelli*.

Apesar de sua patrocinadora, tratava-se de uma revista feita de forma precária. Isso não impedia que a equipe, com seus colaboradores externos, fizesse uma revista premiada já no seu primeiro ano de circulação, mas interferia na sua periodicidade. A jornalista Rosangela Petta, que já era uma colaboradora externa, situa sua entrada na publicação, em 1988, como parte de um movimento de profissionalização da revista: “era uma coisa feita meio quando a Célia chamava o [Takeshi] Assaoka e o [Geraldo] Mayrink para fazer conteúdo”⁴. A equipe aumentou, e a periodicidade da *Revista Goodyear* se tornou regular a partir da edição de julho-agosto-setembro daquele ano.

O que faltava em estrutura, sobrava na liberdade nas pautas: “a direção da Goodyear, que lia a revista impressa, não fazia nenhum tipo de pedido editorial” (BLOG REVISTA GOODYEAR, 2012). Com o tempo, a verba para a publicação aumentou, de uma redação com apenas uma máquina de escrever, mecânica, e sem telefone, a revista passou a funcionar em uma casa no Pacaembu, com “várias máquinas elétricas e uma fatura de telefones” (BLOG REVISTA GOODYEAR, 2012).

⁴ Entrevista concedida por Rosangela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

A Goodyear era uma revista que não publicava matérias traduzidas: enviava jornalistas para diversos países para a produção das reportagens. Suas edições traziam assuntos variados, com cada uma publicando entre três e quatro reportagens extensas, sendo a principal delas o assunto de capa. Ao longo de sua existência, a *Revista Goodyear* também fez uma abordagem da tecnologia bastante determinista - ou seja, pela aceitação da essência tecnicamente explicável dos artefatos tecnológicos (FEENBERG, 2010) -, com esta sendo mostrada, principalmente, como portadora do progresso e do futuro. O tema da tecnologia servia também como uma forma de inserção mais direta da multinacional, em que esta se relacionava com os atributos tecnológicos transpostos para seus produtos, como no caso dos pneus Eagle, que «voam mais alto nas pistas» de Fórmula 1.

A ideia para um tratamento criativo, na forma de história em quadrinhos, partiu de Rosângela Petta após ler *Entradas e Bandeiras*, de Luiz Gê (1985), em que um automóvel é parado por um cortejo dos personagens do *Monumento às Bandeiras*, de Victor Brecheret. De uma história de aproximadamente 16 páginas (GÊ, 1991), o projeto evoluiu para uma história em quadrinhos que tomou a maior parte da edição, com 66 páginas, de longe (GÊ, 2012), a mais extensa publicada por Luiz Gê em quase vinte anos de carreira (SANTOS, 2017). Rosângela Petta avalia esta edição como um destaque na trajetória da revista⁵. Segundo Luiz Gê, foi a edição mais pedida na história da publicação, com os pedidos chegando a vinte mil cartas (CADERNO, 1991) para uma revista que tinha uma tiragem de 25 mil exemplares por edição⁶.

Parte da liberdade nas pautas e no tratamento gráfico da revista explicava-se por esta não ser uma publicação pensada para ser vendida em bancas. A revista era distribuída diretamente para os revendedores da Goodyear, além de escolas e bibliotecas. Embora também fosse voltada para a comunidade de imprensa, não deixava de ser um contrassenso que uma revista da qualidade da *Goodyear* tivesse parte de sua tiragem distribuída para um público, em geral, pouco afeito à grande reportagem ou a projetos gráficos ousados, como era o caso da história em quadrinhos sobre a Avenida Paulista. Sua escassez a tornava um objeto cobiçado. Rosângela Petta se lembra de

⁵ Entrevista concedida por Rosângela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

⁶ Entrevista concedida por Rosângela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

colegas de imprensa que pediam “me arruma um exemplar, por favor!”⁷, no que raramente eram atendidos: “a tiragem era muito pequena mesmo!”⁸.

Em parte, isso ajuda a entender o término da publicação, em 1992. Um final “meio repentino demais”, na opinião de Rosangela Petta⁹, que relaciona o encerramento ao panorama econômico do país, e comenta que o fechamento da revista aconteceu a despeito da opinião do presidente da Goodyear no Brasil, J.C. Polhemus. É provável que o encerramento da *Revista Goodyear* tenha, também, decorrido da percepção de que ela alcançara seus objetivos e que seus custos não se justificavam mais em uma empresa que, afinal, não era de comunicação (BLOG REVISTA GOODYEAR, 2012). O que começou como uma iniciativa do departamento de relações públicas, terminou com uma medida de contenção de despesas do departamento de pessoal.

2 - Avenida Paulista, a segunda edição de *Fragmentos Completos*

A iniciativa da reedição partiu do editor André Conti, que conhecia a história em quadrinhos desde o tempo em que fora publicada na *Revista Goodyear*, a partir de uma sugestão do escritor Joca Terron¹⁰. Como muita gente, Terron conheceu a narrativa quadrinizada alguns anos depois de lançada, por meio de amigos que possuíam a edição. Até seu relançamento, esta era uma das únicas formas de ter acesso a *Fragmentos Completos*.

1.1 Diferenças entre as edições

A primeira diferença importante foi no nome. Embora Terron afirme o contrário, Luiz Gê considera que o título original nunca funcionara:

Na correria do fechamento da edição, acabou sendo dado um nome que nunca pegou. A história sempre foi chamada de *Avenida Paulista* por todo mundo que a conhece e nunca pelo título anterior. Na época, eu tinha pensado A Avenida, mas não estava muito convencido disso e o outro nome acabou passando (GÊ, 2012, p. 11).

⁷ Entrevista concedida por Rosangela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

⁸ Entrevista concedida por Rosangela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

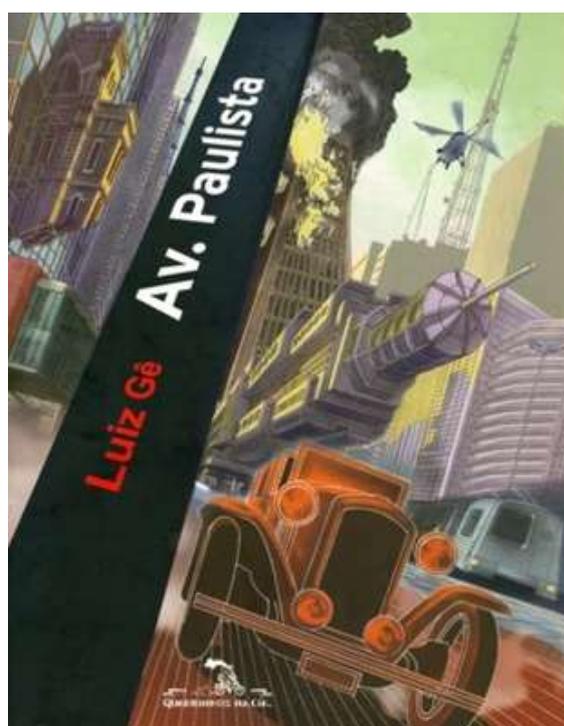
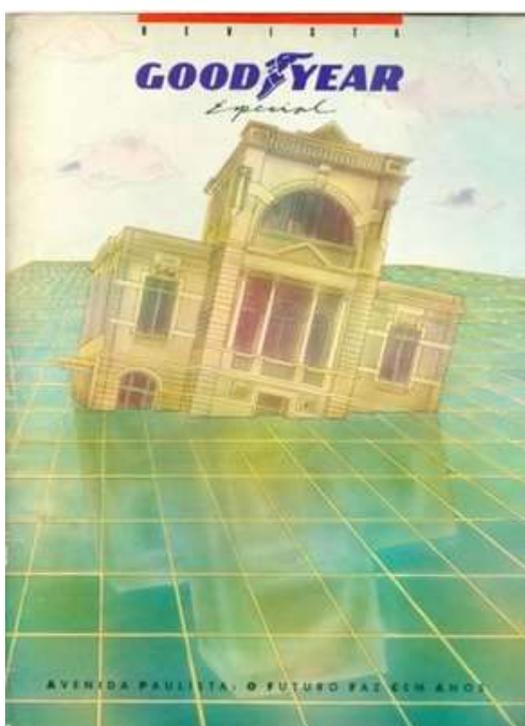
⁹ Entrevista concedida por Rosangela Petta, por videoconferência, em 23 ago. 2016.

¹⁰ Entrevista concedida por Joca Reiners Terron por telefone, em 18 nov. 2016.

A reedição de 2012 foi lançada, portanto, com o título *Avenida Paulista*, que tornava oficial o nome oficioso da história em quadrinhos.

O segundo elemento de diferenciação entre as edições é a capa. A edição de 1991 foi uma das poucas em que a capa da *Revista Goodyear* não trouxe uma fotografia. Seguindo o padrão de diagramação de capas da revista, a de Luiz Gê, traz *Fragmentos* de vários casarões emergindo das fachadas envidraçadas dos grandes edifícios que os substituíram na *Avenida Paulista*. Na edição de 2012, optou-se por uma sobreposição de vários momentos da história, amarrados graficamente por um elemento escuro e diagonal, que remete ao paisagismo de João Carlos Cauduro e Ludovico Martino, implantado na Paulista na década de 1970 (MACHADO, 2014). Ao mesmo tempo em que eliminou a necessidade de composições ou montagens complicadas no meio da capa, esse elemento apoia as linhas de força oblíquas, predominantes na composição, que conferem uma ideia de ação e agilidade ao conjunto. De uma capa plácida, contemplativa, que chega a ser fantasmagórica, em que a cor informa uma condição etérea, enquanto o desenho traduz um momento onírico, passou-se a uma capa que lembra, de certa forma, os cartazes de filmes de ação (figuras 6 e 7).

Figura 6 e 7 — Capas da publicação original e da reedição.



Fonte: Gê, 1991; 2012. Acervo dos autores.

Outra diferença entre as publicações está na epígrafe em quadrinhos, em duas páginas logo no início, após a página de rosto e os dados catalográficos. Iniciado na página ímpar, de acordo com uma preferência do autor, constituem dois momentos separados graficamente, ao invés de formarem uma única prancha. Compõem, assim, a transição entre os citados dados catalográficos e o texto de introdução, escrito por Luiz Gê para a reedição. Marcam, ainda, a trajetória temporal, que liga a Paulista de 2012 com aquela das primeiras décadas do século XX.

Apesar das diferenças de conteúdo entre as duas edições parecerem sutis, não foi tarefa simples reeditar a história em quadrinhos. A principal dificuldade foi o tamanho dos originais. Tendo sido realizada em uma época sem scanners, não havia a preocupação de se adequar a imperativos de dimensões de equipamentos digitais durante sua produção. Consequentemente, na hora de digitalizar os originais, “não tinha scanner daquele tamanho”¹¹. A designer gráfica Simone Ponçano relata as dificuldades encontradas no processo

Tive que digitalizar tudo novamente. O Luiz fez cada página dividida em 3 artes: uma com o traço, outra com o sombreado, em preto e a terceira com as cores. Elas tinham mais ou menos 50 por 60 cm. Tive que digitalizar em várias partes, pois não cabia no scanner, e depois fundir essas partes, e, por fim, fundir as 3 artes em uma só. Demorou bastante. Perdi a conta de quantas digitalizações fiz¹².

Outras diferenças de ordem visual se referem ao tipo de fonte utilizada no letreiramento dos quadrinhos. Manteve-se a diferenciação entre os textos dos balões e o dos recordatórios, mas, no caso dos balões, mudou-se para uma fonte mais orgânica, mais afinada visualmente com a linguagem visual dos quadrinhos. Em sua primeira versão, *Avenida Paulista* trazia, em seus balões, fontes em que alguns caracteres trazem uma orelha em sua parte superior e que era, no geral, mais estilizada. Uma outra diferença no letreiramento das duas versões é que *Avenida Paulista* traz os textos dos memoriais mais bem encaixados em relação aos demais elementos visuais de cada quadrinho (figuras 8 e 9).

¹¹ Entrevista concedida por André Conti, por telefone, em 07 nov. 2016.

¹² Entrevista concedida por Simone Ponçano por aplicativo de mensagens, em 07 nov. 2016.

Figura 7 — Diferenças entre o letreiramento de *Fragmentos Completos* (esq.) e *Avenida Paulista* (dir.). Note-se, ainda a aplicação de textura no fundo da página na reedição de 2012



Fonte: Gê, 1991; 2012.

1.2 Atualização e ajustes no discurso

Os paratextos que integram uma e outra edição são, também, bastante diferentes entre si. Em 1991, não há exatamente um prefácio, mas, antes da história em quadrinhos propriamente dita, a *Revista Goodyear* traz três páginas com quatro textos alusivos ao quarteirão em que se localiza o Conjunto Nacional, marco da transformação da Paulista de uma avenida residencial para uma de uso misto. Como uma forma de contar um pouco da história da *Avenida Paulista*, os textos começam falando da residência Horácio Sabino, contando, a seguir, um pouco da história do projeto do Conjunto Nacional e passando depois por dois momentos do restaurante Fasano, um dos mais finos da capital. A página seguinte traz um perfil de Luiz Gê, enfatizando seu lado paulistano. O que mais se aproxima de uma introdução localiza-se na segunda página da história. É o momento em que temos seu título original, *Fragmentos Completos*, seguido de alguns dados sobre a *Avenida Paulista*, com algumas estatísticas, e rápidas considerações sobre o centenário.

Na edição de 2012, este texto deu lugar ao início de um relato histórico sobre a Avenida, que tem o objetivo de aprofundar e complementar a narrativa gráfica ao longo das 63 páginas seguintes. Este espaço de texto, inalterado na diagramação da nova edição, passou a ser preenchido com uma cronologia que se refere mais diretamente à própria Avenida, em substituição ao texto mais generalista de 1991. Ao contrário da versão de 1991, este espaço, em 2012, teve conexão com as caixas de texto seguintes. Em comum com a versão de 1991, este é o lugar que traz o título definitivo da história em quadrinhos: *Avenida Paulista*.

No prefácio à segunda edição, Luiz Gê comenta que o texto referenciando mais diretamente a história mostrada é a retomada de uma ideia surgida já durante a produção da edição original: “a intenção era a de que eles ampliassem a informação relativa aos assuntos da história da Paulista, principalmente daqueles que estivessem sendo abordados nas páginas em que estivessem presentes” (GÊ, 2012, p. 11).

O autor retoma o tema das previsões feitas em 1991, colocando-as em uma perspectiva contemporânea. Considerações sobre descentralização e o incremento na rede de transportes atestam um certo otimismo mantido por Luiz Gê em relação a previsões que, apesar disso, ele reconhece, continuam “em grande parte, no futuro” (GÊ, 2012, p. 12).

Luiz Gê também se refere às transformações pelas quais passou a Paulista nas duas décadas que separam as duas edições. Lembra do surgimento de novos polos de poder econômico e empresarial – Faria Lima e Berrini – que interferiram na centralidade da Paulista. Conforme lembra Paulo Cesar Garcez Marins¹³ (2016), quando a elite se desloca, o centro se desloca com ela. Embora o centro de poder não tenha se transferido inteiramente do antigo Alto do Caaguaçu, o surgimento dos novos polos, ainda na década de 1990, ocorreu paralelamente ao surgimento de um certo discurso de decadência da *Avenida Paulista*. Uma fase de decadência que culminaria no desaparecimento, na década seguinte, de alguns de seus locais de referência, tais como o cinema e a livraria Belas Artes e o restaurante Riviera.

¹³ MARINS, Paulo César Garcez. A Avenida Paulista como espaço de afirmação das elites imigrantes de São Paulo. In: SEMINÁRIOS AVENIDA PAULISTA, São Paulo, MASP, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/kKg6fVZkzEE>. Acesso em: 24 maio 2023.

No prefácio da segunda edição de sua história em quadrinho, Luiz Gê faz a relação dos acontecimentos de duas décadas após o centenário da Avenida. Talvez, pela percepção de que ela continua sendo um marco de cidade que vale a pena ser trabalhado – difícil pensar numa história em quadrinhos sobre a Faria Lima ou a Berrini com o mesmo apelo. Mesmo as características de força corporativa, econômica e política desses centros mais recentes de poder derivam dessa ideologia difusa de uma hegemonia paulista. Com suas sucessivas vagas de modernidade, com seus apogeus, decadências e reerguimentos a *Avenida Paulista* ainda não foi substituída por outro marco de São Paulo em sua capacidade de atrair, representar e manter essa força simbólica de paulistanidade.

Conclusão

A publicação de *Fragments Completos* foi parte da missão corporativa da *Revista Goodyear* para construir a imagem de sua financiadora, relacionando-a a atributos de tecnologia, progresso e desenvolvimento. No caso específico da história em quadrinhos, uma forma de obter este efeito foi relacionar a imagem da empresa aos diversos discursos relacionados ao centenário da avenida, originários de uma narrativa que começara a ser forjada mais de um século antes.

Embora alguns de seus aspectos se encontrassem relativamente diluídos no final dos anos 1980 – em especial, o nacionalismo regionalista (CERRI, 1996) – outros continuavam fortemente presentes – adicionadas de um discurso de exaltação do trabalho.

Nesse sentido, Luiz Gê era o autor ideal para a tarefa, sendo altamente comprometido com um processo de construção imagética da capital paulista, inserida em um contexto maior de mudança de eixo de poder verificada ao longo do século XX. As pesquisas históricas e iconográficas que vinha realizando desde meados da década de 1970 formaram uma base sólida para a narrativa que assume a dimensão de uma epopeia paulista e brasileira.

Fragments Completos elaborou a narrativa heroica da Avenida, do povo que a concebeu e construiu, mas, acima de tudo, de um projeto brasileiro de modernidade, que é, também, a convergência das modernidades presentes

tanto na obra em quadrinhos pregressa de Luiz Gê quanto nas edições que a *Revista Goodyear* vinha lançando a partir do final de 1985.

No esforço para construir esta narrativa, Luiz Gê procurou dotar a cidade de São Paulo de atributos que lhe proporcionassem a profundidade necessária para ser mais do que apenas cenário para suas histórias em quadrinhos. É em *Fragmentos Completos/Avenida Paulista* que ele consegue, mais do que em qualquer outra história de sua autoria, fazer da cidade de São Paulo sua personagem.

Referências

BLOG REVISTA GOODYEAR. 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121227231810/http://arevistagoodyear.zip.net/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CADERNO Gê. *Mil Perigos*, São Paulo, Editora Dealer, n. 3, p. 36–50, 1991.

CASTRO, Ruy. *O leitor apaixonado: prazeres à luz do abajur*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERRI, Luiz Fernando. *Non ducor, duco: a ideologia da paulistanidade e a escola*. Campinas, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação - Metodologia do Ensino) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

FEENBERG, Andrew. Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia. In: NEDER, Ricardo T. (Org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2010. p. 69-95.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, Ano 59, n. 18.946, caderno Local, p. 16, 15 fev. 1981.

GÊ, Luiz. Entradas e bandeiras. *Chiclete com Banana*, São Paulo, Circo Editorial, n. 1, 1985.

GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2012.

GÊ, Luiz. Fragmentos Completos. *Revista Goodyear*, p. 34-99, out,-nov./dez. 1991.

KOTSCHO, Ricardo. A fábrica de pneus que resgatou a reportagem. *Revista Goodyear*, São Paulo, p. 60-67, jul./ago/set. 1990.

LUCHESE, Cecilia. *Parabéns São Paulo 455 anos*. The Urban Earth: Reflexões de um mundo urbanizado. Publicado em: 24 jan. 2009. Disponível em: <https://theurbanearth.wordpress.com/2009/01/24/parabens-sao-paulo-455-anos/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MACHADO, Débora dos Santos. *Av. Paulista: da elite ao povo: as transformações e caracterizações da apropriação do espaço*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

NASSAR, Paulo. A evolução das publicações em jornalismo empresarial para o jornalismo em empresas. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, Ano 13, n. 13, p. 127-144, dez. 2009.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. *O vocabulário ornamental de Antônio José Landi: um álbum de desenhos para o Grão Pará*. Belém, 2011. 227p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

OLIVEIRA, Marcelo A. N. de. *Paulista: a produção contemporânea de uma paisagem do poder*. Campinas, 1998. 294p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANTOS, Guilherme Caldas dos. *Visões de São Paulo: a marca urbana segundo Luiz Gê*. Curitiba, 2017. 209f. Dissertação (Mestrado em Ciência Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TOLEDO, Benedito L. de. *Álbum iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: Ex Libris, 1987.

Submissão: 20.04.2023.

Aprovação: 06.05.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional